

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS FILMES DE ERNIE GEHR
30 de Maio de 2022**

**THE ASTRONOMER'S DREAM / 2004
15 min, cor.**

**AUTOCOLLIDER XVIII / 2103
10 min, cor.**

**BROOKLYN SERIES / 2013
8 min, cor.**

**AUTOCOLLIDER XX / 2014
13 min, cor.**

**A COMMUTER'S LIFE (WHAT A LIFE!) / 2014
20 min, cor.**

**TRANSPORT / 2015
22 min, cor.**

Filmes de Ernie Gehr

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Ernie Gehr / Cópias: de Ernie Gehr, em ficheiro digital coloridas / Inéditos comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

The Astronomer's Dream é um filme feito à medida de quem defende que boa parte do cinema dito de “avant garde”, entre outras terminologias possíveis, contém em si o desejo de “curvar” o tempo e reencontrar os primórdios, como se o cúmulo da modernidade fosse uma forma de se ser “primitivo” outra vez. Embora não pareça, é um filme “mélièsiano”, e é-o tão materialmente quanto possível. O “sonho do astrónomo” foi o título porque ficou conhecido no mundo anglo-saxónico um dos primeiros filmes do pioneiro francês (**La Lune à un Mettre**), e o filme que Ernie Gehr directamente trabalha também é de Méliès, mas mais tardio (**L'Eclipse de Soleil en Pleine Lune**, já de 1907). Nas mãos de Gehr – literalmente “nas mãos”: parte dos efeitos que vamos ver implicam a manipulação manual de uma cópia película do filme de Méliès – torna-se uma total abstracção, simultaneamente “materialista”: um movimento, potencialmente eterno, de cores, formas, luzes, sombras, uma espécie de pulsação, quase “flicker”, a transformar as imagens de Méliès num espectáculo puramente sensorial, um transe que recupera uma impressão de maravilhamento “sem significado” e que, portanto, aponta mais ao momento da percepção do que ao seu processamento intelectual. De certa forma, o efeito assemelha-se a uma restituição aos primórdios. Como escreveu Tony Pipolo num artigo sobre o filme, “*não é só um emblema das energias criativas de Gehr, é também uma vénia às origens do espectáculo que o obcecou*”.

Os quatro filmes seguintes são também experiências de “desmembramento” de imagens e, conseqüentemente, de desafio à percepção. Encontram também um eixo caro à “avant garde” (desde sempre), as ruas, os movimentos urbanos, a *imagerie* da agitação das cidades. São filmes de imagens do próprio Gehr – ao contrário daquele que é o seu mais conhecido “filme de rua”, e porventura a sua obra-prima, **Eureka**, já visto neste ciclo. E são também, sem paradoxo nem

desprimir, uma demonstração de uma espécie de prazer infantil que também está associado, desde tempos remotos, aos movimentos da vanguarda cinematográfica – socorramo-nos do próprio Gehr: “uma obra não deve permitir só ao espectador ser capaz de seguir o rumo e as intenções do cineasta, deve permitir que o espectador possa também brincar com ela, como uma criança”, e neste contexto será justo que tal direito de “brincar” comece no próprio cineasta. Ainda mais no tempo do digital e dos seus milhentos botões e efeitos à espera de serem explorados e combinados, para uma deformação das imagens originais (ou da própria ideia de “imagem original”) e até, se não de deformação, de “reconfiguração” de ideias e práticas associadas ao cinematógrafo, como a “montagem”. A ideia de fluxo, de fluxo sensorial, de “visão em túnel” que mascara tanto quanto revela, anda sempre na vizinhança destes filmes, mesmo quando eles assentam num vago fundo autobiográfico (**Brooklyn Series**: “a cinematic portrait of my neighborhood”, dixit Gehr) ou tecem subtis relações com a sua própria obra (**Autocollider XX** é um regresso à São Francisco de **Eureka**), ou ainda quando parecem dialogar com alguns “standards” do cinema de “sinfonia de cidades” (**A Commuter’s Life** faz pensar, nem que seja por contraste, no **Daybreak** de D.A. Pennebaker).

A culminar tudo isto, o filme mais clássico, mais “tradicional”, de Gehr, pelo menos de entre os deste programa: **Transport**, sobre um museu ferroviário na Alemanha (com todas as conotações que têm os “comboios na Alemanha” acrescidas do facto, outra vez sub-repticiamente autobiográfico, de os pais de Ernie Gehr terem emigrado para os EUA para fugirem ao nazismo), um olhar de sentido ambíguo, mas estranhamente e quase confortavelmente próximo, sobre a “museificação” das coisas e da própria História.

Luís Miguel Oliveira